



INDICADOR GEduc

2ª EDIÇÃO

**O TERMÔMETRO
DO GESTOR
EDUCACIONAL**

SUMÁRIO

- 01 — INTRODUÇÃO**
- 02 — AMOSTRAGEM**
- 03 — REGIÕES**
- 04 — PARCERIAS**
- 05 — EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA**
- 06 — SAÚDE MENTAL**
- 07 — PESQUISAS DE CLIMA ORGANIZACIONAL**
- 08 — EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**
- 09 — TECNOLOGIAS EM AULAS**
- 10 — CRISES DE IMAGEM**
- 11 — FAMÍLIA / ESCOLA**
- 12 — EVITALIZAÇÃO OS CURRÍCULOS**
- 13 — CONCLUSÃO**

INTRODUÇÃO

Dando continuidade à proposta iniciada na primeira edição, o Indicador GEduc reforça seu papel como um instrumento que oferece um retrato fiel e atualizado dos principais desafios e oportunidades enfrentados pelas instituições de ensino no Brasil. Ao reunir informações de gestores educacionais de todas as regiões do país, este segundo volume aprofunda a análise, amplia os temas já explorados e traz novas perspectivas que refletem o cenário atual.

A edição anterior destacou pontos cruciais como inclusão, uso de dados, saúde mental, inteligência artificial e a chamada “guerra do ticket”. Este novo levantamento confirma algumas dessas tendências e, simultaneamente, evidencia mudanças significativas nos níveis de percepção, engajamento e amadurecimento institucional em relação à gestão educacional.

Nesta segunda edição, as questões levantadas foram:

- A sua instituição possui uma prática estruturada para educação especial e inclusiva?
- Você identifica casos de problemas com saúde mental (estresse, ansiedade, depressão) na sua Instituição?
- A sua instituição aplica pesquisas de clima organizacional?
- A sua instituição possui uma política estruturada com relação à educação antirracista junto a colaboradores e alunos?
- Você considera que seus professores estão preparados para aplicar as novidades tecnológicas em suas aulas?
- A sua instituição possui uma política estruturada com relação à prevenção e ao gerenciamento de crises de imagem (reputacionais)?
- Pensando na relação família/escola, sua instituição aplica pesquisa para conhecer as necessidades e expectativas de alunos e pais?
- A sua instituição tem revitalizado os currículos para a formação de competências globais dos alunos?

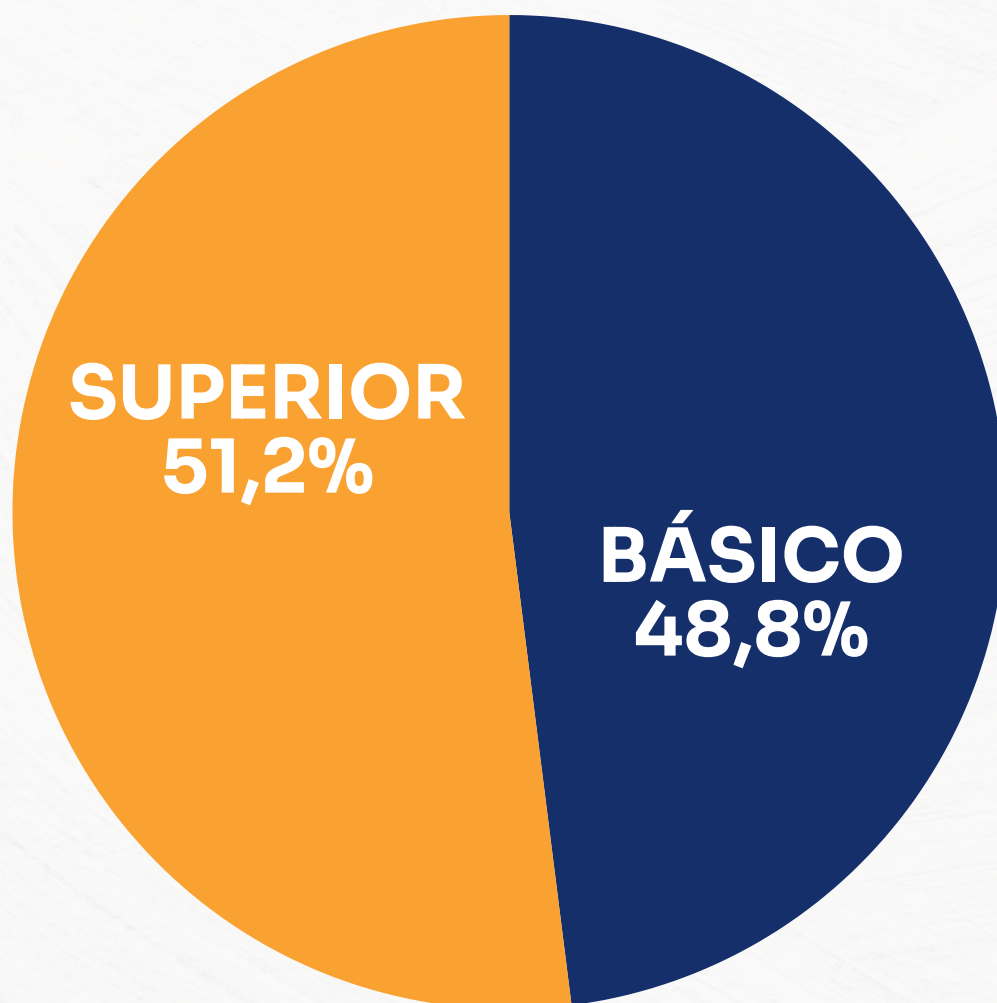
Mais do que um diagnóstico, o Indicador GEduc se consolida como uma ferramenta estratégica para líderes que buscam aprimorar suas práticas e alinhar suas decisões às transformações em curso no setor.

Idealizado a partir de uma parceria entre o GEduc, a HUMUS e a Mira Comunicação — marcas que somam mais de 60 anos de experiência no setor educacional —, o Indicador GEduc nasceu do olhar atento de quem vive a educação por dentro. Com dados que inspiram reflexões e apoiam decisões assertivas, este relatório reafirma o compromisso com o fortalecimento da gestão educacional no Brasil.

AMOSTRAGEM

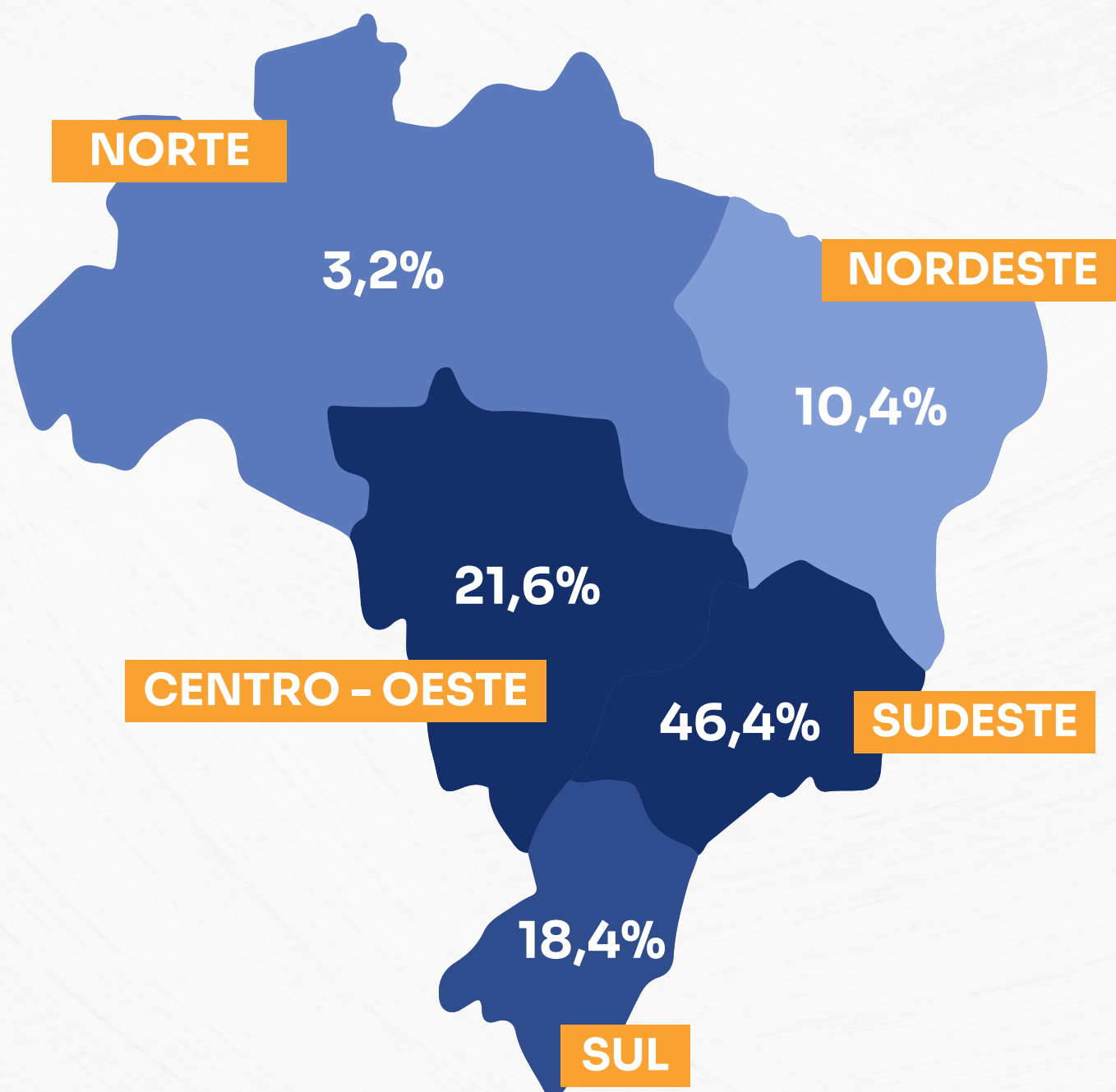
Em 2025, o Indicador GEduc contou com a participação de 123 líderes educacionais de todas as regiões do Brasil, representando tanto instituições de educação básica quanto de educação superior.

Há evidência de um equilíbrio na representatividade entre os dois segmentos de ensino. Do total de respondentes: (colocar na imagem 48,8% atuam no Ensino Básico / 51,2% são do Ensino Superior)



Essa distribuição permite uma leitura abrangente dos desafios e das práticas adotadas por diferentes perfis institucionais.

REGIÕES



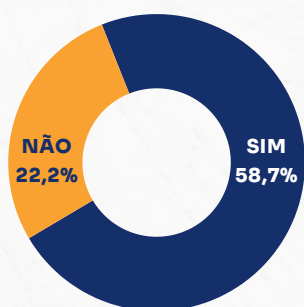
No recorte geográfico, a presença de todas as regiões brasileiras reforça a pluralidade da pesquisa e contribui para uma análise mais representativa dos diferentes contextos educacionais do país

RESULTADOS

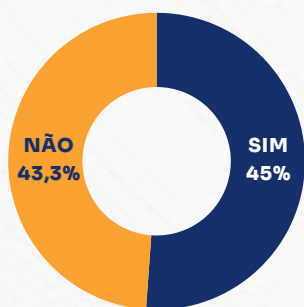
SUA ORGANIZAÇÃO TEM PARCERIAS COM OUTRO SEGMENTO VISANDO MELHORES RESULTADOS ACADÊMICOS?



A articulação entre instituições de educação básica e superior segue como um ponto estratégico dentro do cenário educacional. Estimular essas conexões permite fortalecer a continuidade do percurso formativo dos estudantes, ampliar oportunidades e desenvolver iniciativas conjuntas que impactam positivamente o desempenho acadêmico.



Em comparação com os dados de 2024, observa-se uma evolução significativa no segmento da Educação Superior. Naquele ano, apenas 29,8% das instituições relataram possuir parcerias com escolas de Educação Básica, enquanto em 2025 esse número praticamente dobrou, alcançando 58,7%.



Já na Educação Básica, o cenário se inverte. Em 2024, 55,1% das escolas afirmavam ter parcerias com instituições de ensino superior. Em 2025, esse número caiu para 45%. Essa queda sugere um distanciamento ou possível dificuldade na articulação entre os segmentos.

Apesar disso, os dados gerais mostram que o tema das parcerias intersegmentares vem ganhando atenção, mas também deixam evidente que ainda há muito espaço para avanço. Parcerias bem estruturadas não apenas contribuem para a construção de um ecossistema educacional mais conectado, como também favorecem a aprendizagem, a permanência e a preparação dos alunos para os desafios futuros.

A SUA INSTITUIÇÃO POSSUI UMA PRÁTICA ESTRUTURADA PARA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA?



Garantir uma educação que acolha a diversidade e atenda às necessidades de todos os estudantes é um compromisso fundamental para qualquer instituição de ensino. Em 2025, os dados revelam realidades distintas entre os dois segmentos educacionais:



Comparando com os dados da edição anterior, observa-se que a Educação Básica manteve índices estáveis e elevados: em 2024, 84,1% das instituições já relataram possuir práticas estruturadas para educação especial e inclusiva, com um pequeno aumento para 85% em 2025. Isso demonstra um compromisso contínuo das escolas com a inclusão e o atendimento adequado aos estudantes com necessidades específicas.

Por outro lado, a Educação Superior apresentou um recuo significativo. Em 2024, 59,6% das instituições declaravam possuir práticas estruturadas, número que caiu para 34,9% em 2025 — uma redução de 24,7 pontos percentuais. Esse declínio evidencia uma lacuna preocupante no compromisso com a inclusão no ensino superior, especialmente em um momento em que a diversidade estudantil aumenta e demanda respostas mais robustas e acolhedoras.



Esses dados reforçam a importância de manter e expandir políticas estruturadas que garantam o direito de todos os estudantes a uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva. O desafio está em transformar boas intenções em ações efetivas, especialmente no segmento superior, que ainda enfrenta obstáculos para garantir a plena inclusão.

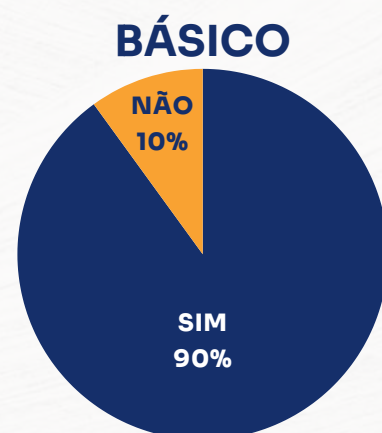
VOCÊ IDENTIFICA CASOS DE PROBLEMAS COM SAÚDE MENTAL (ESTRESSE, ANSIEDADE, DEPRESSÃO) NA SUA INSTITUIÇÃO?



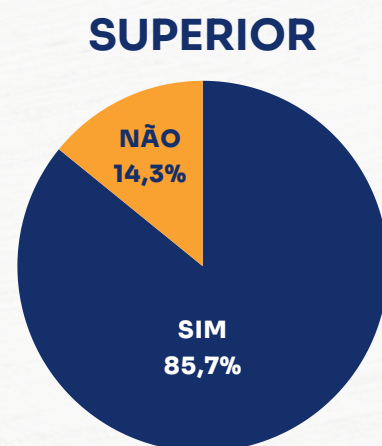
A grande maioria das instituições reconhece a presença significativa de problemas de saúde mental.

A análise comparativa entre os dados de 2024 e 2025 revela um crescimento significativo no reconhecimento dos casos de saúde mental nas instituições de ensino, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Esse aumento, no entanto, não pode ser interpretado de forma isolada ou como falha institucional. É necessário considerar o contexto mais amplo: nos últimos anos, o tema da saúde mental ganhou destaque na sociedade como um todo, com maior visibilidade e sensibilidade para sintomas de estresse, ansiedade e depressão.

No ensino básico, por exemplo, observamos que 90% das instituições reconhecem atualmente a presença de questões de saúde mental, frente aos 55,1% que afirmavam ter políticas estruturadas em 2024. Esse aparente descompasso não necessariamente reflete negligência, mas sim uma evolução no grau de percepção e compreensão do problema. As escolas estão mais atentas aos sinais, ainda que a estruturação de respostas institucionais possa levar mais tempo.



No ensino superior, o cenário é semelhante. Embora já houvesse em 2024 um percentual mais elevado de instituições com políticas estruturadas (66%), o aumento para 85,7% de reconhecimento dos casos em 2025 sugere que a demanda por apoio psicológico segue em crescimento — por vezes, mais rápido do que a capacidade institucional de atendimento.



Esse quadro reforça a importância de continuar investindo em ações e políticas de suporte, com foco na prevenção, acolhimento e cuidado contínuo. Mais do que um alerta, os dados devem ser vistos como parte de uma jornada de amadurecimento institucional diante de um tema cada vez mais presente nas rotinas escolares e universitárias.

A SUA INSTITUIÇÃO APLICA PESQUISAS DE CLIMA ORGANIZACIONAL?

Compreender o ambiente interno da instituição e ouvir ativamente os colaboradores é uma estratégia essencial para fortalecer a cultura organizacional e promover um clima saudável e colaborativo. As pesquisas de clima organizacional têm se mostrado ferramentas importantes para guiar decisões relacionadas à gestão de pessoas, bem-estar, produtividade e engajamento.

Na edição de 2025 do Indicador GEduc, os dados revelam uma alta adesão à prática nos dois segmentos:

Segundo os dados obtidos

80%

das instituições de ensino **básico** relataram ter aderido a pesquisa de clima organizacional.

Enquanto

85,7%

das instituições de ensino **superior** indicaram o mesmo nível de adesão.

Os números indicam que a maioria das instituições já reconhece o valor estratégico da escuta ativa. O destaque vai para o ensino superior, que apresentou o maior índice de aplicação das pesquisas, mas a educação básica também demonstra forte engajamento com a prática.

Apesar dos bons resultados, a minoria que ainda não realiza esse tipo de levantamento representa uma oportunidade importante de desenvolvimento. Implantar esse tipo de iniciativa pode ser um diferencial competitivo na retenção de talentos, melhoria da comunicação interna e fortalecimento do clima organizacional.

A SUA INSTITUIÇÃO POSSUI UMA POLÍTICA ESTRUTURADA COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA JUNTO A COLABORADORES E ALUNOS?

A construção de uma cultura educacional antirracista é uma responsabilidade urgente das instituições comprometidas com a equidade, o respeito à diversidade e a formação cidadã dos estudantes. Ter uma política estruturada voltada a essa pauta vai além de ações pontuais — trata-se de criar ambientes de aprendizagem verdadeiramente inclusivos, seguros e representativos.

Diferentes estágios de implementação foram analisados entre os segmentos:



Enquanto a Educação Básica avança de forma mais consistente, o Ensino Superior apresenta um cenário mais desafiador.

Esse contraste pode estar ligado à maior presença de projetos pedagógicos integrados na educação básica e à conscientização mais ativa nesse nível sobre o papel da escola na formação de valores desde a infância. Por outro lado, nas instituições de ensino superior, a ausência de políticas estruturadas em mais da metade das respostas revela uma lacuna preocupante — considerando especialmente a pluralidade presente nos ambientes universitários e o potencial formativo crítico dessas instituições.

Os dados reforçam a importância de colocar a educação antirracista como diretriz institucional permanente, articulada entre professores, gestores, alunos e colaboradores. Implementar ações estruturadas é um passo essencial para o combate ao racismo estrutural e para a construção de comunidades educativas mais justas, conscientes e transformadoras.

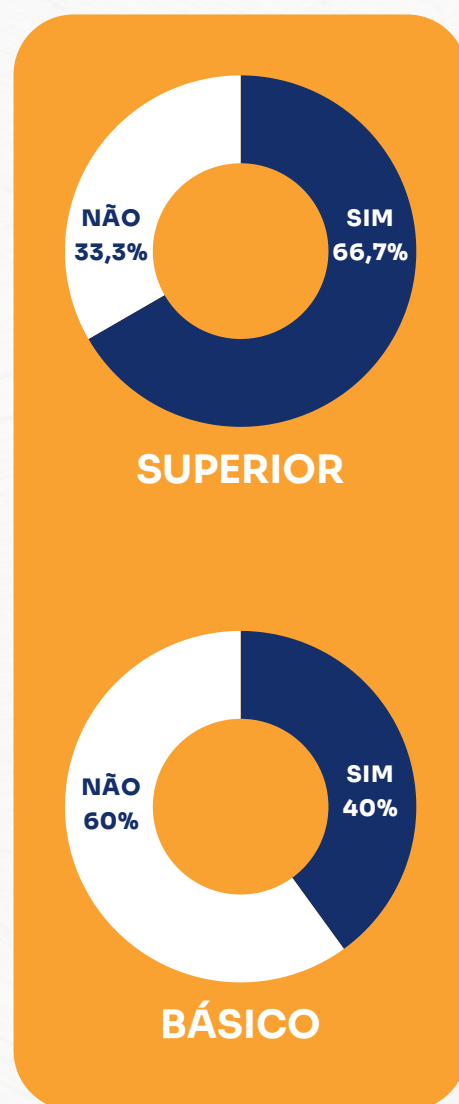
VOCÊ CONSIDERA QUE SEUS PROFESSORES ESTÃO PREPARADOS PARA APLICAR AS NOVIDADES TECNOLÓGICAS EM SUAS AULAS?

A incorporação da tecnologia ao ambiente educacional é um dos maiores desafios contemporâneos da gestão e da prática pedagógica. Para que a inovação seja, de fato, uma aliada da aprendizagem, é fundamental que os docentes estejam preparados para utilizá-la de maneira intencional, didática e alinhada às necessidades dos estudantes.

Os dados revelam percepções distintas:

A Educação Superior se destaca com um maior índice de instituições que consideram seus professores aptos a aplicar as novidades tecnológicas, refletindo o avanço do setor na integração de recursos digitais, especialmente após os impactos da pandemia, que aceleraram a digitalização do ensino superior.

Em contrapartida, a Educação Básica apresenta um dado de alerta! Esse cenário reforça a necessidade de investimento contínuo em formação docente, suporte técnico e desenvolvimento de estratégias que promovam a cultura digital de forma acessível, significativa e pedagógica.



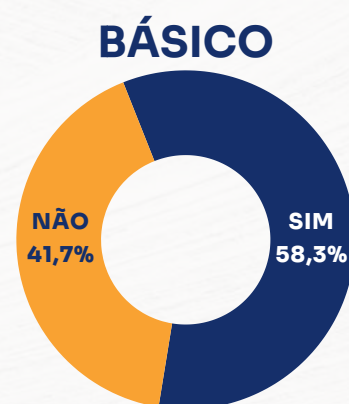
A presença da tecnologia na educação é irreversível. Por isso, preparar os educadores para usá-la de forma crítica, criativa e alinhada à aprendizagem é um passo indispensável para garantir experiências educativas de qualidade e conectadas com os desafios do presente e do futuro.

A SUA INSTITUIÇÃO POSSUI UMA POLÍTICA ESTRUTURADA COM RELAÇÃO À PREVENÇÃO E AO GERENCIAMENTO DE CRISES DE IMAGEM (REPUTACIONAIS)

Em um contexto onde a reputação institucional pode ser impactada em tempo real, especialmente pelas redes sociais e meios digitais, possuir uma política estruturada para a prevenção e o gerenciamento de crises de imagem é uma necessidade estratégica para instituições educacionais. Situações mal conduzidas podem comprometer não apenas a imagem da organização, mas também a confiança da comunidade escolar.

O levantamento realizado identificou uma divisão quase equilibrada entre as instituições que afirmam possuir tais políticas e as que ainda não adotaram estratégias nesse sentido:

A distribuição dos dados evidencia um ponto de atenção em ambos os segmentos. Apesar de a Educação Básica apresentar um índice um pouco mais elevado de instituições com políticas estruturadas, ainda há uma parcela significativa que não está preparada para gerenciar eventuais crises de imagem. Já no Ensino Superior, o cenário de equilíbrio exato revela uma fragilidade institucional.

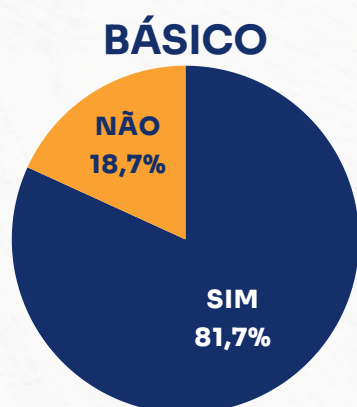


Essa divisão mostra que o tema ainda não está consolidado na gestão educacional como deveria. Desenvolver planos de ação, com diretrizes claras de comunicação, posicionamento e atuação em situações críticas, é fundamental para proteger a imagem da instituição. A reputação é um dos ativos mais valiosos de uma instituição de ensino — e ela precisa ser protegida com estratégia, estrutura e preparo.

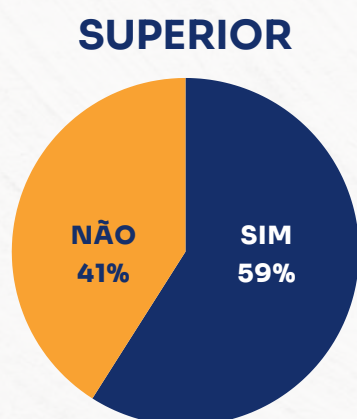
PENSANDO NA RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA, SUA INSTITUIÇÃO APLICA PESQUISA PARA CONHECER AS NECESSIDADES E EXPECTATIVAS DE ALUNOS E PAIS?

A escuta ativa é uma das práticas mais importantes para fortalecer o vínculo entre a instituição e sua comunidade. Realizar pesquisas que identifiquem as expectativas, percepções e necessidades de pais, responsáveis e alunos é essencial para construir uma gestão participativa, alinhada e mais sensível às realidades que compõem o ambiente educacional.

Os dados apurados nesta edição do Indicador GEduc revelam uma adesão mais sólida da Educação Básica a essa prática em comparação com o Ensino Superior:



Enquanto mais de 80% das instituições de educação básica já adotam esse tipo de escuta formalizada, o que demonstra uma preocupação consistente com o envolvimento das famílias no ambiente escolar, no ensino superior, essa prática ainda encontra menor adesão — pouco menos de 60% das IES realizam pesquisas com alunos e responsáveis.



Essa diferença pode ser explicada pela própria natureza da relação com os públicos: na educação básica, o contato com as famílias é mais direto e constante, o que torna natural o investimento em mecanismos de escuta ativa. Já no ensino superior, onde a autonomia dos estudantes é mais acentuada e o vínculo institucional tende a ser mais pontual, há desafios maiores em estabelecer esse tipo de aproximação.

Ainda assim, os dados indicam uma oportunidade clara de avanço para as instituições de ensino superior, que podem ampliar seus canais de diálogo com alunos e responsáveis, promovendo maior engajamento, satisfação e fidelização.

Uma gestão que ouve é também uma gestão que evolui.

A SUA INSTITUIÇÃO TEM REVITALIZADO OS CURRÍCULOS PARA A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS GLOBAIS DOS ALUNOS?

Formar alunos preparados para atuar em um mundo conectado, dinâmico e em constante transformação é um dos grandes compromissos da educação contemporânea. A inserção de competências globais nos currículos tem sido pauta cada vez mais presente nas instituições de ensino.

Na edição 2025 do Indicador GEduc, os dados mostram que tanto instituições de educação básica quanto superior já vêm incorporando esse olhar com intensidade:

83,3%

das instituições de ensino **básico** relataram ter revitalizado os currículos.

88,5%

das instituições de ensino **superior** indicaram o mesmo nível de inserção.

A comparação entre os segmentos mostra que o compromisso com a formação integral está avançando de forma consistente em todo o sistema educacional.. Em ambos os casos, o foco está na preparação dos alunos para um futuro que já começou — e que exige muito mais do que domínio de conteúdo.

CONCLUSÃO

A 2ª edição do Indicador GEduc traz um retrato claro dos caminhos que as instituições de educação básica e superior vêm percorrendo diante dos desafios contemporâneos da gestão educacional.

Os dados revelam avanços consistentes em áreas como a escuta ativa de alunos e famílias, a atualização de currículos voltados às competências globais, o fortalecimento do clima organizacional e o crescimento das parcerias entre segmentos. Esses movimentos mostram uma busca por inovação alinhada à formação integral e à construção de vínculos mais sólidos com a comunidade escolar.

Por outro lado, o levantamento também expõe pontos de atenção: a inclusão ainda enfrenta entraves no ensino superior, a percepção sobre o preparo docente para o uso de tecnologias revela desigualdades entre os segmentos e aponta a necessidade de investimentos mais consistentes nessa área, e temas sensíveis como saúde mental, educação antirracista e gestão de crises de imagem ainda não contam com políticas estruturadas em parte significativa das instituições.

Mais do que apontar números, este levantamento oferece um retrato real das prioridades, das lacunas e das boas práticas que hoje moldam a gestão educacional no Brasil — e convida os gestores a refletirem, compararem e evoluírem com base em evidências.